

O Homem unidimensional e a história da *International Herbert Marcuse Society*

Arnold L. Farr

I. Introdução

Eram os últimos dias de novembro. No sábado, depois do dia de ação de graças de 2005, minha família e eu estávamos descansando após receber convidados no feriado. Nossos convidados tinham acabado de partir na sexta-feira, de modo que a casa estava com a bagunça de pós-feriado. Sábado era o dia em que começaríamos a limpeza da casa e ainda tentávamos nos recuperar dos dois dias anteriores de comilança. Por volta do meio-dia, o telefone tocou. Minha filha de seis anos atendeu. Ela gritou da sala: “Pai! É um tal de Peter que quer falar contigo!” Eu atendi o telefone e descobri que este “Peter” era Peter Marcuse, o filho de Herbert Marcuse. Ele estava na cidade (Filadélfia, Pennsylvania) visitando seu filho Andrew. Peter queria saber se ele e sua esposa poderiam me visitar para uma breve conversa. Naturalmente, eu disse que sim, muito embora nossa casa parecesse ter sofrido um atentado à bomba. De algum modo, entre a chamada do telefone e a chegada de Peter e Francis Marcuse, aproximadamente duas horas depois, arrumamos toda a casa, preparamos café e um *coffee cake*. Qual era o propósito dessa visita?

Algumas semanas antes, na *St. Joseph's University*, realizamos o que seria depois o primeiro encontro bianual da *International Herbert Marcuse Society* (IHMS). O congresso celebrou o cinquentenário de *Eros e civilização*. Dentre aqueles que estavam presentes na ocasião, foi decidido formar a IHMS e realizar encontros a cada dois anos. A quantidade de membros filiados presentes no primeiro encontro, cerca de 25 a 30 pesquisadores e ativistas, ampliou-se, até o momento atual, para centenas deles vindos de todo os Estados Unidos e de outros 20 países. Peter quis me encontrar porque ficou um tanto surpreso com aquele primeiro congresso e o que lhe pareceu ser um crescente interesse pela obra de seu pai. Dada a reduzida popularidade de Herbert depois dos anos de 1970, Peter foi levado a acreditar que talvez a obra de seu pai não era mais relevante para teóricos, pesquisadores e ativistas da atualidade. Ao invés de me questionar sobre o tema de *Eros e civilização*, o tópico de nosso congresso, Peter insistiu no tema de *O homem unidimensional*. Ele parecia acreditar – uma vez efetivado algum progresso em nossa sociedade na extensão de novas formas de lutas sociais, bem

como o novo foco do multiculturalismo, da diversidade, etc. – que as teses de *O homem unidimensional* eram obsoletas (ao menos, na cabeça de teóricos críticos e pesquisadores contemporâneos). Mais adiante, eu desenvolverei com cuidado alguns dos argumentos que apresentei a Peter, especialmente observando lutas recentes e iniciativas multiculturais e a favor da diversidade. Meu intento nesse ensaio é informar ao leitor e à leitora sobre o início do *International Herbert Marcuse Society*, sua história, e a relevância de *O homem unidimensional* hoje.

II. A origem e a história do *International Herbert Marcuse Society*

Muito embora o primeiro congresso do IHMS, seu congresso inaugural, celebrasse o cinquentenário de *Eros e civilização*, a motivação real era *O homem unidimensional*. No semestre da primavera de 2001, os estudantes de filosofia que cursavam o terceiro ano, na *St. Joseph University* (onde lecionei entre 1996 e 2008), encontraram-se com o chefe do departamento para escolher um tema para o *Senior Seminar* no outono próximo. Os estudantes escolheram a teoria crítica como tema. Uma vez que esta era uma das minhas áreas de pesquisa, fui escolhido para coordenar o seminário. Quando escolhi os textos para as aulas, pesei um pouco mais para os de Marcuse. Eu tinha lido um pouco da obra dele na pós-graduação. No entanto, desde então, lembro que pensava ser realmente necessário ler mais Marcuse. No seminário, lemos partes de *Eros e civilização* e de *O homem unidimensional*.

Líamos *O homem unidimensional*, quando aconteceu o trágico evento de 11 de Setembro. Enquanto estávamos atormentados pela violência e pela desnecessária perda de vidas humanas, também estávamos realmente preocupados em como tal evento seria usado para ocultar o sofrimento diário de milhões de estadunidenses e de outros povos ao redor do mundo. Todo o mundo humano está repleto de violência, injustiça, exploração, desumanização, alienação, discriminação, etc. Temos ideia de quantas pessoas morreram ou ficaram feridas nos lamentáveis ataques terroristas em 11 de setembro. Mas quantos outros morreram desnutridos em 10 ou 9 de setembro? Quantas vítimas de violência, brutalidade, exploração haviam em 10 de setembro? Os atos terroristas diários do capitalismo, do racismo, do sexismo, etc., pareciam menos importantes para a mídia e para os políticos. Nomear problemas político-sociais internos tais como pobreza, racismo, sexismo, homofobia e exploração econômica exigiam o

desenvolvimento de um discurso crítico que estava apagado antes de 11 de Setembro e ficou cada vez mais restrito após este evento. Qualquer discurso que fosse crítico à política externa ou ao governo estadunidenses em geral era duramente desaprovado. O *Patriot Act*¹ criado pela administração Bush tornou possível rotular qualquer ativista político como um terrorista.

Para meus alunos e eu, o pensamento unidimensional² na política, na mídia e no discurso cotidiano era evidente. Conforme refletimos acerca do discurso político do pós-11 de Setembro, *O homem unidimensional* de Marcuse é capaz de surgir como se tivesse acabado de ser escrito. Este foi certamente o livro mais relevante que lemos naquele semestre. Estava tão impelido pela análise de Marcuse sobre o obscurecimento ou o fechamento do discurso político, que decidi dedicar mais tempo à sua obra. Iniciei procurando por tudo aquilo que eu poderia encontrar do próprio Marcuse ou sobre ele. Eu não tinha ideia de que dedicaria o resto de minha carreira à retomada da teoria crítica marcuseana. Conforme lia Marcuse, de maneira mais ampla e profunda, e tentava colocá-lo em diálogo com outros teóricos que havia lido ou estava lendo, a ideia de um livro começou a crescer em minha mente. Imediatamente, escrevi uma proposta e a enviei para um editor. A proposta foi aceita. Iniciei minha pesquisa e o resultado foi meu *Critical Theory and democratic vision: Marcuse and recente Liberation philosophies* (2009).

¹ *The USA PATRIOT Act: Preserving Life and Liberty* é o decreto-lei aprovado pelo Congresso estadunidense em resposta aos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001. Peça fundamental para a suspensão de direitos dos cidadãos estadunidenses, conferindo poderes de exceção e o estabelecimento de um novo ciclo de doutrinas de segurança no coração da democracia estadunidense. Tal decreto acompanha a linguagem orwelliana denunciada por Marcuse, uma vez que inverte o significado dos termos através de siglas, conferindo o tom de libertação àquilo que representa sua restrição e, desse modo, abstraindo a tensão própria às contradições da realidade. Tal decreto não foge à regra unidimensional. No caso, USA PATRIOT (algo como “patriota americano”) é a sigla para: “Unir e Fortalecer a América, providenciando ferramentas apropriadas para a interceptação e a obstrução do terrorismo [*Uniting and Strengthening America by Providing Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism*]. V. MARCUSE, *One-dimensional Man*, p. 97 [Nota do tradutor]

² O pensamento unidimensional é aquela forma de pensamento que se recusa a ver as possibilidades para a libertação ou um melhor modo de vida no interior da sociedade presente. No pensamento unidimensional, a ordem presente das coisas é tomado por necessário e fixo. Não há pensamento de uma ordem social alternativa. Um exemplo disto é o modo como o capitalismo segue sem desafios porque as pessoas não o percebem como um desenvolvimento histórico que pode se tornar obsoleto eventualmente. Segundo Marcuse, toda forma de organização social traz consigo sua possibilidade de mudança. Contudo, perceber isto requer o pensamento dialético, isto é, o tipo de pensamento que perceber as coisas segundo a possibilidade de desenvolvimento delas. Um dos melhores ensaios para compreender a perspectiva de Marcuse sobre a oposição do pensamento dialético ao pensamento unidimensional é seu prefácio de 1960 dedicado ao seu segundo livro sobre Hegel, *Razão e revolução*. Este ensaio foi reimpresso como “A note on dialectic” em *The Essential Marcuse: selected writings of philosopher and social critic Herbert Marcuse*, volume editado por Andrew Feenberg e William Leiss (Boston Beacon Press, 2007), pp. 63-71.

Conforme trabalhava no livro e os anos passavam, eu lembrei que o ano de 2005 se aproximava e com ele, o cinquentenário de *Eros e civilização*. Durante esse período, conheci alguns pesquisadores de Marcuse. Enviei e-mails para estes poucos pesquisadores e partilhei com eles a ideia de um congresso. Destes poucos estudiosos, apenas dois deles (Douglas Kellner e Stephen Bronner) vieram de fato. Contudo, Douglas Kellner e Peter Marcuse (a quem eu também havia contatado) forneceram-me alguns nomes a mais. De algum modo, minhas palavras chegaram a alguns outros pesquisadores nos EUA. Procurei obter algum financiamento da *St. Joseph's University* enquanto meu colega Andrew Payne procurava obtê-lo do *Greater Philadelphia Philosophy Consortium*. Isso permitiu-nos convidar alguns pesquisadores como convidados especiais e um convidado da Alemanha, Peter-Erwin Jansen, que trabalha no *Marcuse Archive* em Frankfurt, na Alemanha. Com isso, tínhamos o número suficiente de pessoas para o congresso.

Assim, entre 3 e 5 de novembro de 2005, foi realizado na *St. Joseph's University* (Filadélfia) o primeiro congresso que levaria ao estabelecimento do IHMS. O tema foi “A leitura de *Eros e civilização* de Herbert Marcuse após 50 anos”.³ Havia 34 participantes basicamente dos EUA neste congresso, com exceção de Peter-Erwin Jansen. Muito embora fosse um grupo pequeno, o que dava a impressão de pouco interesse por Marcuse nas décadas anteriores, estávamos empolgados por nos encontrarmos e discutirmos a obra do autor com outros pesquisadores que ainda a levavam a sério. Ao fim do congresso, realizamos uma reunião para falar sobre o futuro de nossos trabalhos e sobre o futuro da teoria crítica de Marcuse. Nessa ocasião, decidimos fundar a *International Herbert Marcuse Society* e organizar congressos a cada dois anos. Logo após esse congresso, acreditei que houvesse mais interesse em Marcuse do que pensava. Comecei a receber e-mails de estudiosos de outras partes do mundo, interessados em Marcuse e na IHMS.

O segundo encontro bianual da IHMS realizou-se novamente na *St. Joseph's University*, entre 08 e 10 de novembro de 2007. Nesse congresso foram apresentados 25 artigos e dois painéis de estudantes. O tema foi “Crítica e libertação na obra de Herbert

³ “Reading Herbert Marcuse’s *Eros and Civilization After 50 Years*”. Ver a programação no site <https://sites.google.com/site/marcusesociety/past-conferences/2005-conference-reading-herbert-marcuse-s-eros-and-civilization-after-50-years> [nota do tradutor, site visitado em 24/04/2015]

Marcuse”.⁴ Muito embora nossos números fossem reduzidos⁵, essa foi a primeira vez que tínhamos a participação de muitos estudantes de pós-graduação, bem como mais estudiosos estrangeiros, estabelecidos no Canadá, na Rússia e na Alemanha. Foi muito excitante ver uma geração mais jovem assumir a teoria crítica marcuseana, como os pós-graduandos da *York University*, em Toronto, que sugeriram hospedar o congresso seguinte.

O congresso de 2009 foi organizado pelos estudantes de pós-graduação da *York University* em Toronto, entre 29 e 31 de outubro. O tema de 2009 foi “Marcuse e a Escola de Frankfurt para uma nova geração”.⁶ Esse congresso foi mais internacional do que os dois anteriores, com a presença de participantes do Canadá, dos EUA, da Rússia, da Alemanha e do Brasil. Desta vez, a sociedade começou a crescer. Embora tivesse apenas 26 apresentações, haviam muitos na audiência que não eram conferencistas. Pelos meus cálculos, acredito que havia cerca de 50 participantes em geral. Desde este congresso, era evidente o crescente interesse em Marcuse.

Os próximos dois congressos foram momentos cruciais no desenvolvimento do IHMS e na garantia de seu futuro. O congresso de 2011 aconteceu na *University of Pennsylvania* entre 27 e 29 de outubro, organizado e hospedado por Andy Lamas. Embora eu houvesse fundado a *Society* em 2005, foi o professor Lamas quem lhe deu nova vida e seu momento fenomenal, em 2011. Muitos desdobramentos posteriores e durante este congresso merecem ser mencionados.

Em abril de 2011, eu estava com o professor Lamas na Filadélfia, para analisar os resumos para o congresso e para discutir outras questões organizacionais. Eu trabalhava nos artigos em um gabinete de uma das bibliotecas da *University of Pennsylvania*, enquanto o professor Lamas estava em outra parte da biblioteca trabalhando no computador. O resultado foi uma *webpage* para a sociedade que

⁴ “Critique and Liberation in the Work of Herbert Marcuse”. Ver a programação no site <https://sites.google.com/site/marcusesociety/past-conferences/2007-conference-critique-and-liberation-in-the-work-of-herbert-marcuse> [nota do tradutor, site visitado em 24/04/2015].

⁵ Acredito que o número reduzido [de participantes] em alguma medida se deve a certa negligência de minha parte. Como anfitrião e organizador, poderia ter feito mais para uma melhor participação. Meus deveres de faculdade e meu ímpeto para terminar o livro que havia iniciado tomou muito tempo desde a organização do congresso. Eis minha confissão. Contudo, sabia que algo importante estava acontecendo aqui, e estava determinado a realizar o congresso a qualquer custo, seja pequeno ou grande.

⁶ “Marcuse and the Frankfurt School for a New Generation”. Ver a programação em <https://sites.google.com/site/marcusesociety/past-conferences/2009-conference-marcuse-and-the-frankfurt-school-for-a-new-generation> [nota do tradutor, site visitado em 24/04/2015].

aumentou muito nossa capacidade de chamar atenção para o trabalho da IHMS.⁷ Professor Lamas também levantou uma quantidade financeira considerável para o congresso. Estávamos aptos para convidar um amplo quadro de pesquisadores e ativistas importantes para apresentar conferências, oficinas informativas e painéis. A diversidade de campos a partir dos quais nossos palestrantes foram escolhidos foi determinada pelo tema do congresso.

O congresso de 2011 tratou das “Recusas críticas”.⁸ Este tema é, claro, um jogo com o conceito de Marcuse da “Grande Recusa” apresentado em *Ensaio sobre a libertação*.⁹ A “Grande Recusa” é simplesmente a vontade e a capacidade de não se permitir ser controlado pelas forças atuais de dominação. Ou, como pode ser colocado de acordo com *Eros e civilização*, é a recusa a ser efetivada diante do atual princípio de realidade. Ou ainda, a partir da perspectiva de *O homem unidimensional*, é a vontade de resistir ao pensamento unidimensional, ao passo que demanda uma nova vida qualitativamente melhor. É uma recusa a crer que a vida tal como é atualmente vivida é a melhor que pode existir.

Escolhemos “Recusas críticas” como tema porque queríamos reunir sob o mesmo teto uma multiplicidade de “Grandes Recusas”. Conforme nos aproximávamos de nosso IV encontro bianual, o propósito e a missão da sociedade ganhou um foco maior. Nossa meta não seria apenas encontrarmos-nos a cada dois anos e falar somente de Marcuse. Queríamos que o IHMS tivesse um impacto sobre os discursos acadêmico, filosófico, social, político bem como aquele da opinião pública. O próprio Marcuse tinha um enorme impacto durante sua vida. Uns poucos encontros acadêmicos para falar sobre Marcuse a cada dois anos não têm muito impacto. Enquanto nos organizávamos para 2011, três metas surgiram. Primeiramente, a obra de Marcuse deve dar nova vida a um novo esforço interpretativo que torne público sua teoria crítica em uma nova era. Isso demanda um novo trabalho exegético que nos capacita a trazer à tona a relevância de suas ideias em um contexto histórico novo e diferente. Em segundo lugar, muita coisa aconteceu nos termos da teoria desde Marcuse. Portanto, é necessário colocar Marcuse em diálogo com pensadores mais recentes. Temos que justificar a leitura de

⁷ Trata-se do site oficial do IHMS: <https://sites.google.com/site/marcusesociety/> [visitado em 24/04/2015]. É preciso lembrar de outro site estadunidense, organizado por Harold Marcuse, também em profunda colaboração com o IHMS: <http://www.marcuse.org> [visitado em 24/04/2015]. Ambos os sites são referências para os estudos marcuseanos, reunindo diversos materiais e organizando informações relativas a esta área de pesquisa [nota do tradutor].

⁸ “Critical Refusals”. Ver a programação em <https://sites.google.com/site/marcusesociety/past-conferences/2011-conference-critical-refusals> [nota do tradutor, site visitado em 24/04/2015].

⁹ Trata-se do ensaio de Marcuse ainda não traduzido *Essay on liberation* [nota do tradutor].

Marcuse após a leitura de Rawls, Habermas, Honneth, Foucault, Derrida, Žižek entre outros. Marcuse é tão relevante hoje quanto foi nas décadas de 1960 e 1970. Ele ainda tem muito a oferecer. Isso não é uma rejeição dos pensadores que dominaram o discurso intelectual desde Marcuse. Eles fornecem valiosas leituras, assim como, levando a questão seriamente, Marcuse continua a fornecer. Muitos membros do IHMS recentemente publicaram artigos e livros nos quais Marcuse dialoga com teóricos recentes.

O terceiro objetivo era seguir a própria tendência de Marcuse quando ele começou a observar o que chamava de “grupos catalisadores” para a possibilidade de mudança social. Ele prestou atenção em muitas lutas a sua volta, desde o movimento dos direitos civis até o movimento de libertação das mulheres. Na área acadêmica tanto quanto na área do ativismo político de hoje existem muitos grupos aos quais Marcuse se referiria como “catalisadores”. Tais grupos tinham algum sucesso em criar novos discursos, especialmente na academia. A luta por libertação pela população negra leva ao desenvolvimento dos programas de estudos da população negra [*Black Studies*] em faculdades e universidades de todo o país. Tais programas passaram por sua própria evolução e agora são referidos mais frequentemente como estudos africanos [*Africana Studies*]. Várias disciplinas tratam agora das questões de raça, enquanto antes tal tópico era evitado. Por exemplo, na filosofia há uma área crescente de interesse chamada “filosofia da raça” ou, por vezes, “Filosofia africana”. Essa subdisciplina é ocupada por pesquisadores tanto brancos quanto negros. A teoria e a filosofia feministas, bem como a teoria *queer*, são agora parte do currículo acadêmico em muitas faculdades e universidades.

Curiosamente, embora as universidades e as faculdades possam ser quase conservadoras e reacionárias, elas também são um dos poucos lugares onde algum tipo de discurso crítico tem alguma chance. Marcuse sabia disso muito bem e, por isso, advertia os estudantes, que queriam destruir as universidades, contra a destruição do último lugar para o pensamento crítico. A existência de áreas de estudo como o feminismo, a teoria crítica da raça, a teoria *queer*, etc., representa a presença da “Grande Recusa” no interior de instituições conservadoras. Desse modo, o congresso de 2011 carregou consigo estas formas múltiplas de “Grande Recusa”. Consequentemente, haviam conferências e painéis de discussão sobre questões variadas desde gênero, sexualidade, raça, classe, ecologia, etc.

Este congresso colocou o IHMS em cena com grande estilo. Estavam presentes 1.500 participantes vindos de 15 diferentes países dos cinco continentes. Foi uma explosão marcuseana comparada aos três congressos anteriores. A palestra central [*keynote address*] para esse congresso foi apresentada por Angela Davis, a mais famosa estudante de Marcuse. Muitos dos artigos apresentados nesse congresso foram publicados em várias revistas. Havia também uma edição especial do *Radical Philosophy Review* dedicada a estes artigos.¹⁰ Outro aspecto importante desta conferência foi a decisão de membros do IHMS de fundar um *American Marcuse Archive* e possivelmente um centro para estudos da teoria crítica. Estes projetos ainda estão em processo. O arquivo e o centro seriam estabelecidos nos EUA, mas disponível para pesquisadora/es de todo o mundo. Decerto, muitos dos materiais podem ser digitalizados de modo a ficar mais acessível a pesquisadora/es internacionais.

O congresso de 2013 foi menor do que o de 2011, devido aos poucos recursos. No entanto, ele foi ainda maior do que os congressos anteriores aos de 2011. Esse congresso ocorreu na *University of Kentucky* entre 07 e 09 de novembro. Foram apresentados 96 artigos¹¹ e participaram cerca de 300 pessoas durante os três dias. Os palestrantes e participantes vieram de todas as partes dos EUA e de muitos outros países. Esse congresso também foi um momento chave na história da IHMS, na medida em que esta tornou-se um órgão oficial sem fins lucrativos. Elegemos membros oficiais e estruturamos um comitê a fim de assegurar que as atividades da sociedade prosseguissem.

O tema do congresso de 2013 foi “Emancipação, nova sensibilidade e o desafio de uma nova era: teoria, prática e pedagogia”.¹² O tema era de algum modo uma continuação daquele de 2011, na medida em que tanto os artigos não seriam meramente exposições sobre os textos de Marcuse, mas também um diálogo entre Marcuse e um quadro amplo de pensadores e ativistas. Também foi uma tentativa de refletir sobre questões sociais, políticas e pedagógicas recentes, a partir de uma perspectiva marcuseana, avançando para além de Marcuse onde quer que fosse necessário.

¹⁰ Ver *Radical Philosophy Review*, vol. 16, nº 1 e 2, 2013. Estes volumes foram editados por Andy Lamas, Arnold Farr, Douglas Kellner e Charles Reitz.

¹¹ Alguns destes artigos serão publicados em um volume próximo.

¹² “Emancipation, New Sensibility, and the Challenge of a New Era: Theory, Practice, and Pedagogy”. Ver a programação no site <https://sites.google.com/site/marcusesociety/past-conferences/2013-conference-emancipation-new-sensibility-and-the-challenge-of-a-new-era-theory-practice-and-pedagogy> [nota do tradutor, site visitado em 24/04/2015].

O próximo encontro bianual da IHMS será entre os dias 12 e 15 de novembro de 2015, na *Salisbury University*, (na cidade de Salisbury, Maryland, EUA). O tema é “Prática e crítica: libertação, pedagogia e a universidade”.¹³ A IHMS tem também financiado ou colaborado com outros congressos. Ele colaborou com organizadores na Inglaterra em 2012, financiando simpósios de teoria crítica que ocorreram em 18 de junho (Liverpool) e em 21 de junho (Londres). Também colaborou com organizadores da *Columbia University* para uma jornada que ocorreu em 29 de setembro de 2014 intitulada “Herbert Marcuse e o legado de *O homem unidimensional*”.¹⁴ Assim como entre 01 e 02 de outubro colaborou com organizadores da *Brandeis University* para um congresso intitulado “As muitas dimensões de Herbert Marcuse”.¹⁵ Por fim, a cada ano em julho, a *University of Pennsylvania* realiza a *Social Justice Research Academy* que também está reunida à IHMS e, em sua orientação, é um evento marcuseano.¹⁶ Este programa é organizado pelo Professor Andy Lamas, com a participação de estudantes vindos de cerca de vinte diferentes países.

Em 2014, aconteceram congressos em todas as partes do mundo celebrando o cinquentenário de *O homem unidimensional*. No Brasil, aconteceram ao menos quatro congressos e ainda outros estão por vir em 2015.¹⁷ A recente explosão de congressos e publicações sobre *O homem unidimensional* não estão baseados na nostalgia de esperanças revolucionárias vindas de ativistas dos anos 1960, mas, de fato, muitas destas atividades recentes são obra de jovens pesquisadores e ativistas, os quais nem eram nascidos em 1960 ou eram apenas crianças naquela época. Essa recente retomada de interesse por Marcuse está baseada no reconhecimento de que algo terrivelmente equivocado ocorre em nosso mundo e que o autor nos capacita com uma das melhores análises sobre o que se passa. Essa foi a intuição a qual meus alunos e eu chegamos em 2001. Existem muitas evidências de que nós vivemos em uma era de pensamento

¹³ “Praxis and Critique: Liberation, Pedagogy, and the University”. Ver o site do congresso: <http://www.salisbury.edu/marcuse/> [nota do tradutor – site visitado em 24/04/2015]

¹⁴ “Herbert Marcuse & the Legacy of *One-dimensional Man*”. Ver a programação em <https://blogs.cul.columbia.edu/rbml/files/2014/09/One-Dimensional-Man-at-Fifty-Conference-Program1.pdf> [nota do tradutor, site visitado em 24/04/2015]

¹⁵ “The Many Dimensions of Herbert Marcuse”. Ver programação e gravações das conferências no site: <https://www.brandeis.edu/marcuse2014/index.html> [nota do tradutor, site visitado em 24/04/2015].

¹⁶ Ver programação do evento realizado em 2014 em <https://andylamas.files.wordpress.com/2014/07/social-justice-research-academy-2014-syllabus-final-official-version-07-29-20141.pdf> [nota do tradutor, site visitado em 24/04/2015]

¹⁷ Muita/os pesquisadora/es brasileira/os tem desempenhado um papel chave no desenvolvimento contínuo da IHMS. Nesse momento, vem sendo realizados uma quantidade considerável de trabalhos colaborativos entre pesquisadores estadunidenses e brasileiros sobre Marcuse.

unidimensional. Algumas destas evidências chegam de lugares improváveis, como o campo da economia. Explicarei isso na próxima seção.

III. A evidência econômica e as bases para a releitura de *O homem unidimensional*

Não é nenhum segredo que a desigualdade econômica entre os ricos e os pobres vem crescendo enormemente nas últimas décadas. Desde o início dos anos 1980, cada vez mais a riqueza tem se concentrado nas mãos dos 5% mais ricos. É óbvio que a teoria econômica do *trickle-down*¹⁸ é falsa. Aqueles entre nós que são leitores de Marx e da tradição marxista sabem disso faz tempo. No entanto, recentemente, mesmo pensadores externos à tradição marxista começaram a notar a falsidade da teoria econômica do *trickle-down*.

Nesta seção, gostaria de dizer algumas coisas sobre porque é importante continuar a leitura de Marcuse, especialmente de *O homem unidimensional*. Muitos questionaram a relevância de Marcuse no atual momento da história.¹⁹ Entretanto, para alguns de nós, Marcuse é ainda mais relevante hoje do que nos anos 1960. A tese de *O homem unidimensional* não foi refutada, pelo contrário, vem sendo confirmada. Eu poderia elencar uma série quase infinita para confirmar isso. No entanto, utilizarei apenas um exemplo nesta seção e mais um outro na seção final. A primeira justificativa da tese de Marcuse em *O homem unidimensional* vem do próprio campo da economia. Em 2014, enquanto celebrávamos o cinquentenário de *O homem unidimensional*, outro livro foi traduzido do francês e publicado em inglês, e tornou-se imediatamente um *best-seller* e provocou uma série de debates interessantes nos EUA. Este livro foi *O capital no século XXI*, de Thomas Piketty.²⁰

¹⁸ A economia *trickle-down* é baseada na noção da “mão invisível” de Adam Smith. Smith acreditava que a tentativa de acúmulo maior de riquezas por aqueles que ocupam a camada econômica mais elevada seria um bom negócio, porque tal riqueza seria derramada [*trickle-down*] por entre aqueles menos ricos. O ex-presidente dos EUA, Ronald Reagan, e a ex-primeira ministra britânica Margaret Thatcher defendiam tal perspectiva.

¹⁹ Um dos ataques recentes mais brutais contra Marcuse foi publicado no outono de 2014. Ver Stephen Whitfield, “Refusing Marcuse: 50 Years after *One-dimensional man*” [Recusando Marcuse: 50 anos depois de *O homem unidimensional*] na revista *Dissent*, fall 2014. Arnold Farr respondeu ao ensaio de Whitfield. Ver Arnold Farr, “Refusing Withfield and Rethinking Marcuse” [*Recusando Whitfield e relendo Marcuse*], *Logos*, winter 2015, vol. 14, n. 1 [publicado no site <http://logosjournal.com/2015/farr/> - colchetes do tradutor, site visitado em 24/04/2105]

²⁰ Thomas Piketty, *Capital in the Twenty-First Century*, transl. Arthur Goldhammer, Cambridge, Massachusetts and London, England: The Belknap Press of Harvard University Press, 2014). [nota do

Embora eu tenha dito antes que entre nós que lemos Marx já se sabia sobre a tendência do capitalismo em concentrar riqueza nas mãos de poucos que possuem e controlam os meios de produção, o livro de Piketty é muito importante por nos fornecer uma visão histórica do desenvolvimento do capitalismo a partir do fato de que este sistema não eliminou a grande desigualdade econômica, mas antes, ele vem intensificando a desigualdade econômica. Piketty nos fornece muitas evidências empíricas que provam que o capitalismo é uma força exploradora.

O que faz deste livro um sucesso é o fato de que tomamos estas novidades de um dos profetas de nossa sociedade, isto é, do economista. Com isso, quero dizer que os economistas são tidos em alta estima no mundo ocidental e que falam sobre questões econômicas com muita autoridade. O problema é que, com a posição de autoridade que assumem, eles tendem a evitar as questões de pobreza e de justiça econômica. Suas análises da economia são tão abstratas que eles ignoram quase completamente o sofrimento cotidiano da população pobre. Alguns economistas recentemente me disseram que “eles estão preocupados com o Mercado e que o Mercado não considera a justiça”.²¹ Um outro economista que convidamos, na primavera de 2014, para palestras na instituição em que trabalho, admitiu para mim que os economistas poderiam afirmar que a economia está melhorando apenas ao demonstrar que uma certa quantidade de capital tenha começado a se mover em um determinado setor da sociedade. Ele admitiu que enquanto seus números pudessem sugerir a melhora da economia, a distância entre ricos e pobres poderia ainda aumentar.²² Isto é, enquanto os números mostram que a economia está melhorando, muitos poderiam estar caindo na pobreza ao mesmo tempo. Isso significa que, enquanto mais dinheiro começa a circular entre os ricos, os pobres se tornam mais pobres ainda.

Uma coisa que me frustrou em minhas conversas com economistas foi o modo como reificaram o Mercado. O Mercado era tratado como um sujeito de ação [subject with agency] que não solicita intervenção humana.²³ Eles se recusam a ver que o que

tradutor: livro traduzido no Brasil como *O Capital no século XXI*. Nossas referências às traduções serão referidas à tradução nacional, com a versão em inglês indicada entre colchetes].

²¹ Este é o comentário de um dos meus colegas que leciona no Departamento de Economia Agrária da *University of Kentucky*. Este colega ensinou comigo em um seminário de pós-graduação com outros dois colegas na primavera de 2014. O tópico deste seminário na teoria social era “Falhas de mercado, fome e crise” [“*Market Failures, Famines and Crisis*”]. Eu era o único marxista dentre os quatro [colchetes do tradutor].

²² Nosso convidado foi Peter Tomin, um altamente respeitado historiador econômico.

²³ Esta atitude em relação ao Mercado é um exemplo perfeito de pensamento unidimensional. Fala-se do Mercado como se ele tivesse sua própria ação [agency]. Tal discurso oculta a ação humana [human

chamam de Mercado é uma criação humana, determinado por decisões humanas. A questão para um marxista é sobre que tipo de decisões são feitas e por quem, de tal modo que o Mercado assume a forma que tem. Os economistas tendem a evitar questões de justiça econômica e consideram a economia como se esta estivesse em sua forma final. O que é renovador no livro de Piketty é, de fato, trazer à tona a questão da justiça econômica. Portanto, o profeta despertou para a realidade das formas de pobreza e de desigualdade que o capitalismo vem produzindo.

Uma vez que este artigo é sobre a IHMS e *O homem unidimensional* de Marcuse, não explorarei os argumentos do livro de Piketty. Esse pequeno desvio serve para mostrar que mesmo que um de nossos profetas tenha nos fornecido um estudo iluminado que valida muito a crítica de Marx ao capitalismo, ainda falta algo na obra de Piketty. Algo que pode ser encontrado em *O homem unidimensional* de Marcuse. Decerto, por mais maravilhoso que o livro de Piketty seja, ele ainda cai na armadilha própria à estrutura do pensamento unidimensional. Há duas maneiras em que Piketty apresenta falhas diante do tipo de análise que Marcuse fornece em *O homem unidimensional*. Primeiramente, Piketty nos oferece a história empírica do capitalismo que leva às grandes desigualdades econômicas recentes. Ele também argumenta de maneira correta que é possível e provável que tais desigualdades continuarão sob a forma atual do capitalismo. No entanto, Piketty permanece no domínio da economia. O que significa dizer que ele é incapaz de oferecer uma análise dos diversos mecanismos culturais, políticos, sociais, intelectuais e psicológicos que permitiram ao capitalismo criar com sucesso tal desigualdade. Isto é precisamente o que Marcuse faz. Todavia, para ser justo com Piketty, ele reconhece a necessidade de uma perspectiva interdisciplinar para o problema da desigualdade econômica. Ele escreve:

não concebo outro lugar para a economia que não o de subdisciplina das ciências sociais, ao lado de história, sociologia, antropologia, ciências políticas e tantas outras. Espero que este livro tenha ilustrado o que eu entendo por isso. Não gosto muito da expressão “ciência econômica”, que me parece terrivelmente arrogante e poderia fazer crer que a economia teria atingido uma cientificidade superior, específica, distinta da de outras ciências sociais. Prefiro a expressão “economia política”, talvez um pouco antiquada, mas que tem o mérito de ilustrar o que me parece ser a única especificidade aceitável da economia dentro das ciências sociais, a saber, seu propósito político, normativo e moral.²⁴

agency]. Consequentemente, não há nada que os seres humanos possam fazer para mudar o sistema. Todos estamos à mercê do Mercado.

²⁴ PIKETTY, Thomas. *O Capital no século XXI*, p. 694 [573-574].

E continua: “É possível, e mesmo indispensável, ter uma abordagem ao mesmo tempo econômica e política, salarial e social, patrimonial e cultural”.²⁵ Trechos como esses, mostram que Piketty está pensando algo muito além do que o típico economista. Associar à economia um propósito moral está certamente fora de qualquer horizonte dos economistas com os quais conversei.

A despeito de sua grande intuição [*insight*], o segundo problema de Piketty é que ele ainda parece um revisionista que clama por um capitalismo reformado. Essa é uma posição assumida por alguns outros poucos [economistas].²⁶ Piketty nos oferece a crueza dos fatos da situação que o capitalismo vem criando. A questão é como foi possível ao capitalismo funcionar desse modo? Como pode o capitalismo continuar a entregar cada vez mais recursos às mãos de uma parcela tão pequena da população e continuar incontestado? Por que os pobres celebram a riqueza dos ricos? Como pode a diferença entre os ricos e os pobres aumentar com índices alarmantes em países que denominam a si próprios como “democráticos”? Isso compreende uma crítica integral dos diversos mecanismos na sociedade, uma crítica que inclui a economia, mas também segue para além do econômico. Esta é precisamente a tarefa de *O homem unidimensional*.

Além disso, é possível superar as grandes desigualdades econômicas apenas modificando o capitalismo? Parece-me altamente improvável. O capitalismo e as ideologias que o mantêm desempenham um papel de formar nossas consciências e mesmo nossas estruturas pulsionais [*instinctual structures*]. Em termos marcuseanos, equilíbrios econômico, político e social não podem acontecer na mesma sociedade que produziu desequilíbrios, injustiças e desigualdades. É necessário uma nova sociedade, uma sociedade qualitativamente diferente. Essa espécie de sociedade requer novos seres humanos, os quais, por sua vez, tenham desenvolvido uma nova sensibilidade.

Os economistas concentraram-se em modelos econômico-matemáticos e ignoraram outras características relevantes da condição humana. Mesmo economistas bem-intencionados como Piketty estão limitados a propor modificações econômicas

²⁵ Ibid., p. 697 [576].

²⁶ Tenho em vista aqui Gerard Duménil e Dominique Lévy. Desses autores, ver *The Crisis of Neoliberalism* (Cambridge, Massachusetts and London, England: Harvard University Press, 2011). Depois da crítica de ambos contra os problemas advindos do neoliberalismo e das desigualdades econômicas, Duménil e Lévy propõem um capitalismo gerencial [*managerial capitalism*]. Eles acreditam que as desigualdades econômicas aumentaram vertiginosamente entre o fim da década de 1970 e o início da década de 1980. Tal capitalismo gerencial, por sua vez, passa a dispor de certos mecanismos capazes de impedir tal escalada. Porém, esta perspectiva não fortalece [*empower*] o trabalhador, nem supera a alienação produzida pelo capitalismo [colchetes do tradutor].

enquanto ignoram mudanças necessárias na consciência e na vida humanas, as quais devem ser assumidas se nós nos tornarmos o tipo de seres que não são regradados pela cobiça. Observando a lição gerencial de Duménil e Lévy e parafraseando a afirmação de Marcuse em *O homem unidimensional*: “quem educa os educadores?”²⁷ devemos questionar: “quem gerencia os gerentes?” Contudo, para sermos honestos com Piketty, ele de fato reconhece a necessidade de uma perspectiva mais abrangente ao problema do equilíbrio e da justiça econômicas. Ele faz um apelo ao fim de seu livro, citado acima, que abre as portas para o tipo de teorização que Marcuse está fazendo.

IV. Conclusão

É claro que muito mudou desde que Marcuse publicou *O homem unidimensional* há cinquenta anos atrás. Todavia, algumas coisas não mudaram e, de fato, algumas coisas podem estar piores. Piketty mostra que a desigualdade está pior do que nunca. Há evidências por toda parte de que temos os recursos para eliminar a pobreza e reduzir enormemente a quantidade de sofrimento humano no mundo. Contudo, enquanto a riqueza aumenta em alguns países, também aumenta a pobreza.

Iniciei este artigo refletindo sobre a visita que recebi de Peter e Francis Marcuse em 2005. Dado que o mundo sofria tantas mudanças desde 1964, Peter questionou o que levaria jovens pesquisadores como eu e outros a se interessarem pelo trabalho de seu pai. Eu já expliquei isso. Porém, uma coisa ainda precisa ser dita. Nos tempos de minha conversa com Peter, parecia que o desenvolvimento de certos movimentos recentes de libertação e a favor da democracia tornara o trabalho de Marcuse algo obsoleto. No entanto, este não é o caso, como tentei mostrar neste artigo. Um campo [de estudos], por exemplo, são as recentes iniciativas multiculturais e da diversidade presentes em instituições de todo o mundo. Expliquei a Peter que muitos desses movimentos são unidimensionais. Por exemplo, multiculturalismo e iniciativas em prol da diversidade nos *campi* universitários e nas faculdades parecem se fundamental em um espírito de inclusão. Contudo, isto é frequentemente uma cortina de fumaça.

Trabalhei em secretarias e comitês pela diversidade em toda minha carreira acadêmica. O que geralmente acontece é que existe uma tentativa de incluir no processo

²⁷ MARCUSE, Herbert. *One-dimensional man*, p. 40.

as pessoas marginalizadas que agem e pensam como a maioria considerada corrente [*mainstream majority*]. As pessoas precisam de meu corpo negro em suas instituições, mas não da minha experiência singular de negro e nem do tipo de consciência que acompanha o fato de ser um homem negro nos Estados Unidos. As mulheres frequentemente acreditam que seus corpos têm espaço na sala do escritório, mas não suas ideias. A academia ainda é formada por um certo discurso hegemônico que continua a marginalizar ao parecer incluir. Neste momento, Peter começou a compreender como a crítica de seu pai da unidimensionalidade era ainda relevante para uma nova geração de pesquisadores e ativistas.

Minha consideração era de que, mesmo quando iniciativas que pareciam ser progressivas eram propostas, elas ainda eram definidas e executadas por aqueles que estão no poder e ainda se beneficiam do princípio de realidade opressivo atual. O que parece ser uma mudança social progressiva é quase frequentemente uma fachada. Marcuse sabia disso muito bem. Por esta razão, a obra de Marcuse deve ser apoiada por uma nova geração de pesquisadores e ativistas que mesmo hoje são confrontados pela unidimensionalidade. O pensamento unidimensional não vai embora apenas porque vivemos um período histórico diverso. De fato, o pensamento unidimensional pode modificar a si mesmo de tal modo que passa a proteger as forças opressivas e repressivas enquanto simula ter acontecido progresso social. Não há melhor análise sobre esse problema do que aquela realizada por Herbert Marcuse há cinquenta anos atrás. É dever de nossa geração lembrar o mundo disso e, ademais, desenvolver esta análise.

Tradução: Silvio Ricardo Gomes Carneiro